

O candidato dos empresários

A recomendação de dois bancos de investimento norte-americanos aos seus clientes para diminuir as aplicações em títulos do Brasil, alegando que o crescimento de Lula nas pesquisas gera insegurança ao mercado, traz de volta a seguinte questão: qual é o melhor candidato para os empresários?

A cada eleição os veículos de comunicação começam a especular sobre apoio e rejeição dos empresários a determinados candidatos. A participação empresarial no processo eleitoral é bastante importante pelo poder deste setor na sociedade. Todos sabemos da relevância dos apoios financeiros na campanha eleitoral e da capacidade de formar opinião pública exercida pelos meios de comunicação que, em sua quase totalidade, estão nas mãos da iniciativa privada. Pelo acesso que têm à mídia, aos seus funcionários, à comunidade, aos clientes e fornecedores, os empresários conseguem influenciar uma parcela significativa do eleitorado.

Novamente, apesar de estarmos ainda distantes das eleições, começam as especulações sobre a preferência ou rejeição dos empresários. Nem sempre eles acertam nos seus apoios. Todos se lembram da declaração de Mário Amato, em 1989, de que centenas de milhares de empresários sairiam do Brasil caso Lula ganhasse a eleição. Um número bem maior teve que fechar as portas por causa da política econômica implantada por Collor. Lula não ganhou as eleições, mas um número enorme de brasileiros deixou sua pátria na década de 90 para trabalhar e empreender em outros países. O Brasil, que recebia emigrantes, hoje exporta profissionais, empreendedores e trabalhadores. Já vi muitos empresários perderem suas empresas por causa da política econômica colocada em prática justamente por governantes que foram apoiados por eles na campanha eleitoral.

Este não é um “privilégio” dos brasileiros. Henry Ford foi expulso da associação dos empresários de Detroit sob acusação de ser comunista e inimigo do capitalismo porque pregava o aumento dos salários dos trabalhadores como meio de ampliar o mercado interno de consumo. O ex-ministro Cavallo era o ídolo de boa parte dos empresários argentinos até pouco tempo atrás, muitos dos quais acabam de falir.

Vários empreendedores também apoiaram candidatos que, quando eleitos, favoreceram bastante os seus negócios. Cada empresário ao ler este artigo certamente terá a consciência do acerto e do erro de suas escolhas passadas, dos ganhadores e dos perdedores das últimas eleições.

Cada um de nós assume diversos papéis referentes a nossas atividades e relações. Por exemplo o papel do cidadão, do profissional, do familiar e do social. Cada um estabelece inclusive uma escala de prioridades, subordinando determinados papéis a outros.

Vamos supor que o empresário coloca seu papel de cidadão em primeiro lugar. Ele se considera um cidadão que exerce a atividade empresarial. Qual deveria ser o seu candidato? Este cidadão vive num país que possui a quarta pior distribuição de renda e uma das piores concentrações de terra no mundo – 69º colocado no Índice de Desenvolvimento Humano da ONU, o 89º colocado em mortalidade infantil no relatório anual da Unicef, num país de 50 milhões de analfabetos e 30 milhões de miseráveis, num país onde os serviços públicos estão tão deteriorados que nem ele, sua família e seus pares os usam. Apenas as famílias mais pobres no Brasil usam os serviços públicos de saúde, educação, transporte e segurança. Não é por acaso que vive num país com explosivos indicadores de

violência e abalado por revelações quase diárias de corrupção e malversação dos recursos públicos.

Certamente este cidadão apoiaria e votaria no candidato que no seu julgamento estaria mais comprometido com a distribuição de renda, a reforma agrária, com as questões sociais, a defesa dos direitos humanos e o combate à corrupção.

Vamos supor agora que o empreendedor coloca em primeiro lugar sua atividade empresarial, subordinando seus outros papéis a esta atividade (aliás esta é uma situação freqüente que coloca em risco a vida familiar, social, cultural e comunitária do empresário). Nesta situação, o empresário apoiaria o candidato que mais beneficiaria seu negócio. Excluindo o caso das relações mais promíscuas de favorecimentos pessoais através de contratos, financiamentos, regulamentações e informações privilegiadas, o empresário sabe da importância do desenvolvimento econômico e do crescimento da renda das pessoas para seu negócio. Este empresário sabe que a violência, a mão de obra desqualificada, os serviços públicos de baixa qualidade, os juros altos, a carga tributária que onera a produção e a corrupção são custos enormes que prejudicam a sua atividade. Certamente estes empresários darão apoio ao candidato mais comprometido com o crescimento econômico, com a geração de empregos e a distribuição de renda que colocam mais consumidores, e com renda maior no mercado, com a melhoria dos serviços públicos, com o combate a corrupção e com uma reforma fiscal e tributária que distribui melhor a carga e desonera a produção. Isso sem falar dos empresários ou das empresárias, preocupados com a segurança e a qualidade de vida de sua família e com o futuro de seus filhos. Eles sabem que a violência é fruto da fratura social, da corrupção e dos serviços públicos deteriorados. Gostariam que seus filhos continuassem no Brasil e vivessem num país próspero, ético e justo. Sentem na própria pele a angústia crescente de sua família e certamente apoiariam um candidato que representasse uma nova esperança para o Brasil.

Muitos empresários se declaram apolíticos (como se isso fosse possível, pois o ser humano, pela natureza, é essencialmente político) e apartidários. A consolidação da democracia, essencial para a construção de uma sociedade próspera, socialmente justa e ambientalmente sustentável, depende do fortalecimento dos partidos políticos e da participação política de todos os cidadãos. Os empresários deveriam colocar seu talento, seus conhecimentos e espírito empreendedor a serviço da democracia participando da vida política e contribuindo com o partido político de sua preferência. Não deveriam ter receio de se expor, pois estariam dando a muita gente um exemplo de cidadania pelo seu comportamento.

O empresário que privilegia sua condição de cidadão ou o cidadão que privilegia sua condição de empresário deveria fazer uma profunda reflexão e apoiar aquele que melhor possa atender os interesses do País e de sua empresa, de sua empresa e do País, na ordem de prioridades que achar a mais correta. Boa escolha!

Oded Grajew é diretor-presidente do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, presidente do Conselho Administrativo da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente, e idealizador do Fórum Social Mundial.